

JOSEPH CONRAD

CORAÇÃO DAS TREVAS

Tradução
Sergio Flaksman

Posfácio
Luiz Felipe de Alencastro

5ª reimpressão

Para leitura por 2018

A *NELLIE*, uma iole de cruzeiro, alinhou-se com a âncora sem que as suas velas batessem ao vento, e aquietou-se. A enchente da maré estava em andamento, o vento quase se acalmara e, como rumávamos rio abaixo, só nos restava ficar ali para os e esperar a mudança da maré.

O estuário do Tâmisia estendia-se diante de nós como o início de uma via aquática interminável. No horizonte, o mar e o céu fundiam-se sem solda aparente, e no espaço luminoso as velas acastanhadas das barcas que subiam o rio impelidas pela maré pareciam imobilizadas, formando aglomerados de lona vermelha com muitas pontas a revelar vislumbres de espichas cobertas de verniz. Um nevoeiro alastrava-se sobre as terras baixas que corriam para o mar, numa planura que ia desaparecendo. O ar estava escuro acima de Gravesend, e mais ao longe ainda parecia condensar-se em sombras funestas que pairavam imóveis sobre a maior, e mais vasta, cidade da Terra.

O Diretor das Companhias, que nos convidara, era o nosso Comandante. Nós quatro fítávamos com afeto as suas costas enquanto ele se postava na proa, olhando na direção do alto-mar. Nada, em todo o rio, exibia nem de longe aparência tão náutica. Lembrava um desses pilotos que, para o homem do mar, são a confiança personificada. Era difícil convencer-se de que o seu trabalho não era ali no estuário luminoso, mas debaixo daquelas sombras pesadas que pairavam atrás dele.

Entre nós havia, como eu já disse em algum momento, o laço do mar. Além de manter os nossos corações unidos apesar de extensos períodos de separação, ele tinha o efeito de nos tornar tolerantes às longas histórias — e mesmo às convicções — uns dos outros. O Advogado — o melhor dos velhos camaradas

— ocupava, em razão dos seus muitos anos de idade e das suas muitas virtudes, a única almofada do convés e se estendia no único tapete. O Contador já pegara uma caixa de dominó, e brincava arquetonicamente com as peças do jogo. Marlow sentara-se com as pernas cruzadas bem na popa, encostado no mastro da mezena. Tinha as faces cavadas, a tez amarela, as costas eretas, um aspecto ascético e, com os braços caídos, as palmas das mãos para fora, lembrava um ídolo. O Diretor, convencido de que a âncora estava bem agarrada, veio para trás e se instalou sentado junto a nós. Trocamos algumas palavras preguiçosas. Depois, fez-se o silêncio a bordo do iate. Por um ou outro motivo não começamos aquela partida de dominó. Sentámo-nos meditativos, e dispostos apenas a uma plácida contemplação. O dia se encerrava na serenidade de um fulgor tranquilo e fora do comum. A água cintilava em paz; o céu sem nuvens era uma imensidão benévola de pura luz; até a cerção que cobria os charcos de Essex parecia uma gaze levisíssima e radiosa, pendendo das elevações arborizadas do interior e desenrolando-se sobre as baixadas costeiras com as suas dobras diáfanas. Só as sombras a oeste, pairando nas mais altas esteras, escureciam a cada minuto, como que irritadas pela aproximação do sol.

E finalmente, na sua queda curva e imperceptível, o sol mergulhou ainda mais e, de um branco brilhante, mudou para um vermelho baço sem raios nem calor, como que prestes a apagar-se de um momento para outro, ferido de morte pelo contato com aquelas sombras que pairavam sobre um aglomerado de homens.

Em seguida, houve uma mudança nas águas, e a serenidade ficou menos brilhante porém mais profunda. O velho rio em seu vasto estuário descansava imóvel ao declinar do dia, depois de eras de bons serviços prestados à raça que povoava as suas margens, desdobrado na dignidade tranquila de uma via aquática que levava aos mais distantes rincões da Terra. Contemplávamos as suas águas veneráveis não ao clarão temporário de um dia breve que vem e passa para sempre, mas à luz augusta de memórias perenes. E de fato nada é mais fácil para um homem que

tenha, como se diz, “atendido ao chamado do mar” com reverência e carinho do que evocar o grande espírito do passado nas partes mais baixas do Tâmis. O fluxo da maré corre de um lado para o outro em seu trabalho incessante carregado das memórias de homens e navios que conduziu ao descenso do lar ou às refregas do oceano. Conheceu e serviu todos os homens de que a nação se orgulha, de sir Francis Drake* a sir John Franklin, todos cavaleiros do reino, contemplados ou não com títulos de nobreza — os grandes cavaleiros errantes do mar. Transportou todos os navios cujos nomes refúgem como joias na noite dos tempos, desde o *Golden Hind*, retornando com seus flancos arredondados repletos de tesouros, para ser visitado por Sua Majestade, a Rainha, e assim deixar a lenda, até *Erebus* e *Terror*, empenhados noutras conquistas — e que jamais regressaram. Conheceu os navios e os homens. Zarpavam dos portos de Deptford, de Greenwich, de Erith — os aventureiros e os colonos; os navios do rei e os navios dos homens de negócios; capitães, almirantes, os obscuros “desautorizados” do comércio do Levante e os “generais” comissionados das frotas da Índia Oriental. À caça do ouro ou perseguindo a fama, todos partiram por aquelas águas, levando a espada e muitas vezes a tocha, mensageiros do poder daquela terra, portadores de uma centelha colhida no fogo sagrado. Qual grandeza não tinha singrado a vazante daquele rio rumo aos mistérios de uma terra desconhecida?... Os sonhos dos homens, a semente de comunidades de nações, os germes de impérios.

O sol se pôs; o crepúsculo caiu sobre as águas, e luzes começaram a despontar ao longo da costa. O farol de Chapman, uma construção sobre três pernas cravadas na areia deixada a descoberto pela maré baixa, brilhou com força. Luzes de navios des-

* Francis Drake foi o primeiro inglês a circumnavegar o globo (1577-88), comandando o *Golden Hind*, e recebeu o título de cavaleiro da rainha Elizabeth I. John Franklin conduziu uma expedição malograda (1845-8) à procura da Passagem do Noroeste no comando dos navios *Erebus* e *Terror*, que ficaram presos nos gelos do Ártico. (N. T.)

locavam-se pelo canal de entrada — um grande movimento de luzes que se agitavam para um lado e para o outro. E a oeste, mais acima no curso do rio, o ponto onde ficava a cidade montuosa ainda estava assinalado por aquela mancha aziaga no céu, uma sombra escura que pairava à luz do sol, um fulgor lígubre debaixo das estrelas.

“Aqui também”, disse Marlow de repente, “foi um dos lugares tenebrosos da Terra.”

Ele era o único entre nós que ainda “atendia ao chamado do mar”. E o pior que dele se podia dizer era que não se tratava de um bom representante da sua classe. Era um homem do mar, mas um homem errante também, enquanto a maioria dos homens do mar, se é que se pode dizer assim, leva uma vida sedentária. Têm um espírito caseiro e carregam sempre com eles o seu lar — o navio — bem como o seu país — o mar. Todos os navios são muito parecidos, e o mar é sempre o mesmo. Na imutabilidade que habitam, são as terras estrangeiras, os rostos estrangeiros, a imensidade cambiante da vida, que se sucedem à frente deles, velados não por um senso de mistério mas por uma ignorância levemente desdenhosa, porque não existe nos homens do mar mistério algum além do próprio mar, senhor da sua existência e tão imperscrutável quanto o Destino. De resto, no fim das horas de trabalho, um passeio ou uma farrá ocasional em terra já basta para revelar-lhe o segredo de todo um continente, e quase sempre ele constata que o segredo nem valia a pena conhecer. Os longos relatos dos homens do mar têm uma simplicidade direta cujo significado total cabe na casca de meia noz. Mas Marlow não era típico (excetuando-se a sua propensão aos longos relatos), e para ele o significado de um episódio não residia no seu miolo, como um carço, mas do lado de fora, envolvendo a narrativa que o expõe só como um brilho tênue que provoca um certo ofuscamento, à semelhança de um desses halos de bruma que às vezes se tornam visíveis graças à luz espec-tral da lua.

Sua observação não nos pareceu nada surpreendente. Era bem o estilo de Marlow. E foi recebida em silêncio. Ninguém se

deu o trabalho de emitir som nenhum; e depois de algum tempo ele começou, muito devagar:

“Estava pensando nos tempos muito antigos, quando os romanos chegaram aqui pela primeira vez, mil e novecentos anos atrás — tão pouco tempo... A luz emanou deste rio depois disso — os cavaleiros, dizem vocês? Sim; mas ela não é mais que uma labareda que corre pela planície, um clarão de raio atrás das nuvens. Vivemos ao fulgor trêmulo do bruxuleio — e espero que ele perdure enquanto a velha Terra continuar rolando! Mas as trevas ficavam aqui ainda ontem. Imaginem o estado de espírito do comandante de uma bela — como se chamava? — urtime no Mediterrâneo, ao receber a ordem inesperada de seguir para o norte; de atravessar a Gália por terra a toda pressa; e de assumir o comando de uma dessas embarcações que os legionários — que grupo magnífico de homens habilidosos também não deviam ser — eram capazes de construir, aparentemente às centenas, em um ou dois meses, se podemos acreditar no que nos contam os livros. Imaginem esse homem aqui — no próprio fim do mundo, um mar cor de chumbo, um céu cor de fumaça, um tipo de embarcação mais ou menos tão rígida quanto uma concertina — e enveredando por este rio acima com víveres, ou ordens, ou o que vocês quiserem. Bancos de areia, pântanos, florestas, selvagens, muito pouco alimento que convenha a um homem civilizado, nada além de água do Tâmisia para beber. Nada de vinho de Falerno,* nada de folgas em terra. Aqui e ali um acampamento militar perdido no meio da selva, como uma agulha num palheiro — frio, bruma, tempestades, doença, exílio e morte — a morte à espreita no ar, na água, nas matas. Devem ter morrido como moscas, aqui. Ah, sim — ele saiu com vida. E com muito sucesso, certamente, sem pensar muito no que fazia, só mais tarde, quem sabe, para poder se gabar do que precisara

* O vinho de Falerno, um vinho branco doce de grande renome na Roma antiga, era produzido nas encostas do monte Falerno, na divisa entre o Lácio e a Campânia. (N. T.)

enfrentar no seu tempo. Eram homens capazes de dar conta das trevas. E talvez ele se mantivesse animado com a ideia de uma possível promoção para a frota de Ravenna,* mais para a frente, se tivesse bons amigos em Roma e sobrevivesse àquele clima horrendo. Ou imaginem um jovem e decente cidadão de toga — talvez um pouco afeito demais ao jogo de dados, sabem como é — vindo para cá na comitiva de algum governante, ou coletor de impostos, ou até mercador — em busca de restabelecer a sua fortuna. O desembarque num pântano, a marcha através das matas, e em algum posto do interior a sensação da presença da selvageria. A selvageria mais extrema se fechara à sua volta — toda aquela vida misteriosa e desconhecida que pulsa nas matas, nas florestas, no coração dos homens selvagens. E não existe iniciação para esses mistérios. Ele precisa viver no meio do incompreensível, que também é detestável. E tudo isso ainda tem um fascínio, que começa a atuar sobre ele. O fascínio da abominação — sabem como é. Imaginem os remorsos crescentes, o desejo de fugir, a repulsa impotente, a rendição — o ódio.”

Fez uma pausa.

“Vejam bem”, começou ele, erguendo um braço a partir do cotovelo com a palma da mão para fora, de maneira que, com as pernas cruzadas à sua frente, assumiu a postura de um Buda pregando em trajes europeus e sem flor de lótus — “Vejam bem, nenhum de nós se sentiria exatamente assim. A nós, o que salva é a eficiência — a devoção à eficiência. Mas esses sujeitos, no fim das contas, não eram gente de muito preparo. Não eram colonos. A administração que exerciam, acho eu, era pura extorsão e nada mais. Eram conquistadores, e para isso basta a força bruta — nada de que alguém possa se vangloriar, pois a sua força não passa de um acidente produzido pela fraqueza dos outros. Eles se apoderavam de tudo o que podiam, sempre que tinham a oportunidade. Era simples roubo, assalto à mão armada, latro-

* A cidade de Ravenna era a sede da maior base naval romana no Adriático. (N. T.)

cínio numa escala grandiosa, e esses homens o praticavam cegamente — como convém a quem investe contra as trevas. A conquista da terra, que antes de mais nada significa tomá-la dos que têm a pele de outra cor ou o nariz um pouco mais chato que o nosso, nunca é uma coisa bonita quando a examinamos bem de perto. Só o que redime a conquista é a ideia. Uma ideia por trás de tudo; não uma impostura sentimental mas uma ideia; e uma crença altruísta na ideia — uma coisa que possamos pôr no alto, frente à qual possamos nos curvar e oferecer sacrifícios...”

Interrompeu-se. Chamava deslizavam pela superfície do rio, pequenas chamas verdes, vermelhas, brancas, perseguindo-se umas às outras, ultrapassando-se, fundindo-se, cruzando-se — e depois separando-se lentamente ou às pressas. A circulação da grande cidade prosseguia na noite cada vez mais escura pelas águas do rio insone. Continuamos olhando, esperando pacientemente — não havia mais nada a fazer até o fim da maré cheia; mas foi só depois de um prolongado silêncio, quando ele disse, numa voz hesitante: “Acho que vocês sabem que numa época eu virei marinheiro de água doce por um tempo”, que subemos, estar predeterminados a, antes que começasse o fluxo da vazante, ouvir o relato de uma das experiências inconclusivas de Marlow.

“Não quero incomodá-los muito com o que me aconteceu pessoalmente”, começou ele, denunciando com essas palavras a fraqueza de muitos contadores de histórias que parecem tantas vezes ignorar o que a sua plateia prefere ouvir; “mas, para entender o efeito que tudo teve sobre mim, vocês precisam saber de que maneira fui parar lá, o que eu vi, como subi aquele rio até o lugar onde conheci o pobre coitado. Foi o ponto mais distante a que chegaram as minhas navegações, e o ponto culminante da minha experiência. De algum modo, parece ter lançado uma espécie de luz sobre tudo que me diz respeito — e sobre os meus pensamentos. Foi uma coisa sombria, também — e deplorável — nada extraordinária em nenhum aspecto — e tampouco muito clara. Não. Não muito clara. E no entanto, parece ter lançado uma espécie de luz.”

"Na época, como vocês devem lembrar, eu tinha acabado de voltar para Londres depois de muito oceano Índico, Pacífico, mares da China — uma boa dose de Oriente — seis anos mais ou menos, e estava desocupado, estorvando vocês no seu trabalho e invadindo as suas casas, como que encaregado pelos céus da missão de civilizá-los. Foi muito bom por um certo período, mas depois de algum tempo cansei-me de descansar. E então comecei a procurar um navio — o que nem era o trabalho mais difícil do mundo. Mas os navios não queriam saber de mim. E me cansei de mais essa brincadeira.

"Acontece que, quando eu era pequeno, tinha verdadeira paixão por mapas. Passava horas olhando para a América do Sul, ou para a África, ou para a Austrália, e me perdia em todas as glórias da exploração. Naquela época ainda havia muitos espaços em branco na Terra, e, toda vez que eu via no mapa algum que me parecesse mais convidativo (embora todos sejam convidativos), punha o meu dedo nele e dizia: 'Quando eu crescer, irei até lá'. O polo norte era um desses lugares, eu me lembro. Bom, pois lá ainda não estive, nem pretendo mais tentar. O encanto se gastou. Outros lugares se espalhavam ao longo do equador, e nas mais variadas latitudes pelos dois hemisférios. Estive em alguns desses pontos, e... bem, não vamos falar a respeito disso. Mas ainda havia um deles — o maior — o mais em branco, por assim dizer — que eu sentia um desejo especialmente intenso de conhecer.

"É bem verdade que àquela altura já deixara de ser um espaço em branco. Vinha sendo preenchido, desde a minha infância, com rios, lagos e nomes. Deixara de ser um espaço em branco dominado por um mistério fascinante — uma extensão vazia que os meninos podiam ocupar com sonhos de glória. Transformara-se num lugar escuro, tomado pelas trevas. Mas havia ali um rio em especial, grande e caudaloso, que se podia ver no mapa, lembrando uma imensa serpente desenrolada, com a cabeça no mar, o corpo estendido descrevendo curvas que se prolongavam por uma vasta extensão de terras e a cauda perdida nas profundezas do continente. E, quando encontrei esse mapa na

vitrine de uma loja, ele me fascinou como uma cobra hipnotiza um pássaro — um passarinho bobo e ingênuo. E então lembrei que havia um grande negócio em andamento naquela área, uma Companhia que operava o comércio naquele rio. Com os diábolos, pensei, eles não têm como atuar num lugar assim sem usar algum tipo de barco em toda essa vastidão de água doce — barcos a vapor! E, por que eu não podia tentar o comando de um deles? Segui caminhando pela Fleet Street, mas a ideia não me deixava em paz. A serpente me enfeitara.

"Vocês sabem que fica no Continente, a sede daquela Sociedade de Comércio; mas tenho muitos conhecidos que moram no Continente, porque a vida lá é barata e não tão desagradável quanto parece — pelo que eles dizem.

"Lamento admitir que comecei a incomodá-los. O que já era uma novidade na minha vida. Eu não tinha o hábito de conseguir as coisas dessa maneira, sabem, estava acostumado a abrir o meu próprio caminho, com as minhas próprias pernas, na direção que eu escolhia. Eu não teria acreditado que seria capaz de agir assim; mas acontece — vocês entendem — que sentia essa necessidade de ir para lá, a qualquer custo. E comecei a incomodá-los. Os homens me responderam: 'Meu querido amigo', e não fizeram nada. E então — vocês acreditam nisto? — resolvi apelar para as mulheres. Eu, Charlie Marlow, obriguei as mulheres ao trabalho — para conseguir um emprego! Céus! Bem, vocês entendem, eu estava tomado pela ideia. Eu tinha uma tia, criatura amorosa e entusiasmada. E ela me escreveu: 'Vai ser maravilhoso. Estou pronta a fazer qualquer coisa, qualquer coisa por você. Acho a ideia gloriosa. Conheço a mulher de um alto personagem na Administração, e também um homem que tem muita influência sobre' etc. etc. E decidi que faria qualquer esforço para me ver indicado para o comando de um barco a vapor naquele rio, se era isso que eu desejava.

"Consegui a minha nomeação — claro; e em muito pouco tempo. Parece que a Companhia recebera a notícia de que um dos seus comandantes tinha sido morto numa rixa com os nativos. Era a minha oportunidade, e me deixou mais ansioso ain-

da para partir. Foi só meses e meses mais tarde, quando fiz a tentativa de recuperar o que restara do corpo, que ouvi dizer que a briga original se devera a um desentendimento em torno de umas galinhas. Isso mesmo, duas galinhas pretas. Fresleven — era o nome do sujeito, um dinamarquês — achou que fora enganado de alguma forma no negócio, desceu do barco e deu uma sova de pau no chefe da aldeia. Ah, não fiquei nada surpreso quando me contaram essa história e, ao mesmo tempo, que Fresleven era a criatura mais gentil e tranquila que jamais caminhou sobre dois pés. Não tenho dúvida de que era, mas já estava lá havia alguns anos envolvido com a nobre causa, sabem, e é provável que tenha finalmente sentido a necessidade de reafirmar de algum modo o seu respeito por si mesmo. E por isso surrou o pobre velho negro sem dó nem piedade, enquanto uma parte do povo dele assistia, paralisada, até algum homem — disseram-me que foi o filho do chefe — em desespero diante dos gritos do pobre velho, reagir com uma ameaça de estocada da sua lança — e é claro que ela penetrou facilmente entre as omoplatas do homem branco. Em seguida, a população inteira desapareceu na floresta, esperando calamidades de todo tipo, enquanto, por outro lado, o vapor de Fresleven também zarpava em meio ao pânico, sob o comando do maquinista, acho eu. Mais tarde, ninguém parece ter se preocupado muito com os restos de Fresleven, até eu aparecer e assumir o seu posto. Eu, por minha vez, não podia deixar as coisas como estavam, mas, quando finalmente tive a chance de encontrar o meu predecessor, a relva que crescia entre as suas costelas já subira o suficiente para cobrir toda a ossada. Que continuava lá. Aquela ser sobrenatural permanecera intacto depois da queda. E a aldeia fora abandonada, as cabanas escuras abertas, apodrecendo, todas fora de prumo, rodeadas pela paliçada caída. Uma calamidade de fato ocorrera. As pessoas tinham desaparecido. O terror louco dispersara a todos, homens, mulheres e crianças, pela mata, para nunca mais voltarem. O que foi feito das galinhas eu não sei. Mas imagino que a causa do progresso também as tenha vitimado de algum modo. De qualquer maneira, foi graças

a esse glorioso episódio que consegui o meu posto, bem antes do que eu esperava.

“Saí correndo como um louco de um lado para o outro a fim de me apontar, e em menos de quarenta e oito horas já atravessava o Canal para me apresentar aos meus empregadores e assinar o contrato. Em poucas horas, cheguei a uma cidade que sempre me lembra um sepulcro caiado de branco. Preconceito, sem dúvida. Não tive dificuldade em localizar a sede da Companhia. Era a maior coisa da cidade, e todos que lá encontrei me pareceram muito orgulhosos dela. Iam governar um império ultramarino, e ganhar uma fortuna incalculável graças ao comércio.

“Uma rua estreita e deserta toda na sombra, casas altas, inúmeras janelas com venezianas, um silêncio mortal, erras brotando entre as pedras do calçamento, grandiosas arcadas para a entrada de carruagens à direita e à esquerda, imensas portas duplas imponentes e escancaradas. Infiltei-me por uma dessas brechas, subi um lance de escadas varridas mas nuas, áridas como um deserto, e abri a primeira porta com que me deparei. Duas mulheres, uma gorda e a outra magra, estavam sentadas em cadeiras com assento de palhinha, tricotando com lã preta. A magra se levantou e caminhou diretamente para mim — sempre tricotando com os olhos baixos — e bem no momento em que eu começava a pensar em abrir caminho para ela, como se faz com os sonâmbulos, parou e ergueu os olhos. Seu vestido era feito como uma capa de guarda-chuva; ela se virou, sem dizer palavra, e me conduziu até uma sala de espera. Deixei o meu nome, e olhei em volta. Mesa de pinho no meio, cadeiras simples encostadas nas paredes, numas das extremidades um grande mapa* lustrado exibindo todas as cores do arco-íris. Havia uma vasta extensão de vermelho — o que é bom de se ver a qualquer

* A descrição é de um mapa da África colonial. Pela convenção dominante da época, o vermelho havia de indicar as colônias britânicas. As demais cores deviam assinalar as colônias francesas, italianas, portuguesas e alemãs, não necessariamente nessa ordem. O amarelo, no caso, indicia a única colônia belga do continente, o Congo. (N. T.)

momento, porque indica que estão trabalhando de verdade naqueles lugares — um bocado de azul, um pouco de verde, pequenas manchas de laranja, e, na Costa Oriental, uma extensão comprida de púrpura, para mostrar onde os alegres pioneiros do progresso tomavam alegremente a boa cerveja clara. No entanto, não era para nenhum deles que eu ia. A minha meta era o amarelo. Bem no centro. E lá estava o rio — fascinante — mortífero — lembrando uma serpente. Ai! Uma porta se abriu, apareceu uma cabeça branca secretarial, mas exibindo uma expressão compassiva, e um dedo magro me convocou para o interior do santuário. A iluminação era atenuada, e se via uma pesada escrivania pousada no centro da sala. Detrás dessa estrutura, percebia-se uma impressão de palidez rechonchuda envergando uma sobrecasaca. O grande homem em pessoa. Tinha um metro e setenta de altura, cálculo, e detinha o comando firme de muitos milhões. Apertou a minha mão, acho eu, emitiu murmúrios vagos, ficou satisfeito com o meu francês. *Bon voyage*.

“Em cerca de quarenta e cinco segundos me vi de volta à sala de espera com o secretário compassivo que, dominado pelo desconsolo e a comiserção, fez-me assinar algum documento. Acredito que eu me comprometi, entre outras coisas, a não revelar nenhum segredo comercial. Bem, não é o que vou fazer.

“Comecei a sentir um certo desconforto. Vocês sabem que não estou acostumado a muita cerimônia, e havia um elemento aziago na atmosfera. Era como se tivessem acabado de me pôr a par de alguma conspiração — não sei — alguma coisa não de todo correta, e fiquei satisfeito de sair dali. Na antessala exterior, as duas mulheres tricotavam febrilmente com lã preta. Havia pessoas chegando, e a mais jovem andava de um lado para o outro procurando encaminhá-las. A mais velha continuava sentada na sua cadeira. Seus chinelos largos de flanela estavam apoiados num aquecedor de pés, e um gato repousava no seu regaço. Ela usava um adorno branco engomado na cabeça, tinha uma verruga numa das faces, e óculos de aro de prata pousavam na ponta do seu nariz. Fitou-me por cima das lentes. A placidez ligeira e insensível daquele olhar me perturbou. Dois jovens de aparên-

cia animada e um tanto estúpida estavam sendo conduzidos por perto dela, e ela lhes lançou o mesmo olhar breve de sabedoria indiferente. Dava a impressão de saber tudo a respeito deles, e de mim também. Fui tomado por um mau presságio. Ela exibia um ar de infortúnio sobrenatural. Muitas vezes, bem distante, lá, ocorreu-me a memória dessas duas, guardiãs das portas das Trevas, tricotando com lã preta como que a produzir um pano mortuário quente, a primeira encaminhando, encaminhando continuamente para o desconhecido, e a outra esquadrinhando com olhos velhos e impassíveis os rostos tolos e animados. *‘Ave! Vê-lha tricotando da lã preta. Mortuuri te salutant!’* Não muitos dos que ela examinou jamais voltaram a vê-la — menos que a meta-de — de longe.

“Ainda havia uma ida ao Médico. ‘Simples formalidade’, garantiu-me o secretário, com o ar de quem compartilhava intencionalmente todos os meus desconfortos. Logo em seguida, um jovem que usava o chapéu caído sobre a sobranceira esquerda, algum escriturário, acho eu — devia haver escriturários naquela firma, embora a casa fosse tão silenciosa quanto uma residência numa cidade de mortos —, apareceu vindo de algum lugar no piso superior e me mostrou o caminho. Era descuidado e revelava pouco asseio, com manchas de tinta nas mangas do paletó, e usava uma gravata larga e volumosa debaixo de um queixo com o formato do bico de uma bota antiga. Ainda era um pouco cedo demais para o Médico, de maneira que propus uma bebida, ao que ele demonstrou uma pronunciada veia de jovialidade. Assim que nos sentamos com os nossos verminhos ele começou a louvar os negócios da Companhia, e depois de algum tempo manifestei de passagem a minha surpresa por ele não ter ido para lá. Na mesma hora ele se mostrou bem mais frio e contido. Não sou tão idiota quanto pareço, como disse Platão aos seus discípulos, declarou-me sentenciosamente, antes de esvaziar com grande resolução o seu copo, e nos levantamos.

“O velho médico apalpou o meu pulso, o tempo todo com o pensamento evidentemente em alguma outra coisa. ‘Bom, bom para lá’, murmurou, e então, com uma certa ansiedade, pergun-

rou-se eu lhe permitiria tirar as medidas da minha cabeça. Bastante surpresa, respondi que sim, ao que ele pegou um instrumento semelhante a um calibre e tirou as medidas da frente, de trás e de todas as partes do meu crânio, anotando tudo com o maior cuidado. Era um homenzinho de barba por fazer, num jaleco suado que lembrava uma capa de chuva, com os pés calçando chinelos, e achei que fosse um idiota inofensivo. 'Sempre pego, no interesse da ciência, permissão para tirar as medidas cranianas das pessoas que seguem para lá', disse ele. 'E quando voltam, também?', perguntei. 'Ah, eu nunca vejo quem volta', observou ele; 'e além do mais as mudanças ocorrem por dentro, sabe.' E deu um sorriso, como se lembrasse alguma piada silenciosa. 'Com que então o senhor está indo para lá. Espôndido. E interessante, também.' Lançou-me um olhar penetrante, e fez mais uma anotação. 'Algum caso de loucura na sua família?', perguntou, num tom neutro. Fiquei muito contrariado. 'Essa pergunta também é no interesse da ciência?' 'Poderia ser', respondeu ele, sem tomar conhecimento da minha irritação, 'interessante para a ciência observar as mudanças mentais dos indivíduos no local, mas...' 'O senhor é alienista?', interrompi. 'Todo médico deveria ser — um pouco', respondeu aquele original, imperturbável. 'Eu tenho uma modesta teoria, que os senhores, *mesieurs* que partem para lá, deveriam me ajudar a provar. E é essa a minha parte nas vantagens que o meu país há de auferir com a posse de uma dependência tão magnífica. A mera riqueza, eu deixo para os outros. Perdoe as minhas perguntas, mas o senhor é o primeiro inglês que tenho a oportunidade de observar...' 'Apresente-me a lhe assegurar que eu não era nem um pouco típico. 'Se fosse', disse eu, 'não estaria conversando assim com o senhor.' 'O que o senhor me diz é muito profundo, e provavelmente equivocado', respondeu ele com uma risada. 'Evite a irritação mais que a exposição ao sol. *Adieu*. Como é que vocês, ingleses, dizem, hein? *Good-bye*. Ah! *Good-bye*. *Adieu*. Nos trópicos, antes de tudo, a pessoa precisa manter a calma...' Erguen um dedo em advertência... 'Du calme, du calme. *Adieu*.'

"Faltava fazer mais uma coisa — despedir-me da minha ex-

celente tia. Encontrei-a triunfante. Tomei uma xícara de chá — a última xícara de chá decente em muitos dias — numa sala que, para meu grande conforto, tinha exatamente a aparência que se espera da sala de visitas de uma senhora, e tivemos uma longa conversa em voz baixa junto à lareira. Não decorrer dessas confidências, ficou muito claro para mim que eu fora descrito para a mulher do alto dignitário, e sabe Deus para quantas outras pessoas, como uma criatura excepcional de muitos talentos — para a Companhia, um golpe de sorte — um homem que não aparece todo dia. Deus do céu! E tudo isso para comandar um vaporzinho ordinário, subindo e descendo um rio ao som de um apito de metal! Parece, porém, que eu era um dos envolvidos na Obra, com máuscula — sabem como é. Algo como um emissário da luz, uma espécie inferior de apóstolo. Besteiras dessa ordem vinham circulando em profusão naquela época, tanto em letra impressa como de viva voz, e a boa senhora, exposta à euforia de toda aquela vigarice, acabara se deixando levar. Falou de 'desapegar esses milhões de ignorantes dos seus modos horrendos', insistindo a tal ponto que, dou-lhes a minha palavra, fiquei muito constrangido. E me arrisquei a sugerir que a Companhia existia para dar lucro.

"Você esquece, querido Charlie, que quem trabalha merece o que recebe', disse ela em tom animado. É estranho como as mulheres não têm contato com a realidade! Vivem num mundo à parte; nunca existiu mundo semelhante, nem jamais poderá existir. É lindo demais em todos os aspectos, e se alguém fosse tentar construí-lo haveria de se espatifar antes do anoitecer do primeiro dia. Alguma coisa execrável, com que nós homens nos conformamos a viver desde o dia da criação, haveria de entrar em ação e derrubar tudo aquilo por terra.

"Depois disso, recebi um abraço, ouvi o conselho de usar sempre flanela, não deixar de escrever regularmente, e assim por diante — e fui embora. Na rua — não sei por quê — ocorreu-me a sensação bizarra de ser um impostor. E o mais estranho é que eu, antes acostumado a zarpar para qualquer parte do mundo com vinte e quatro horas de aviso, sem dar a isso mais

atenção que a maioria dos homens dedica a atravessar uma rua, tive um momento — não direi de hesitação, mas de incerteza sobressaltada, diante daquela situação no fim das contas tão banal. A melhor maneira que encontro para lhes explicar o que senti é dizer que, por um ou dois segundos, foi como se, em vez de estar rumando para o centro de um continente, eu estivesse prestes a partir com destino ao centro da Terra.

“Zarpei num vapor francês, que parou em todos os malitos portos do caminho com a única finalidade, até onde pude perceber, de lá desembarcar militares e funcionários aduaneiros. E eu observava a costa. Observar um trecho de costa enquanto ele se desenrola à passagem de um navio é como procurar a solução de um enigma. Ele está ali, bem à sua frente — sorrindo, de certo franizado, desafiante, grandioso, maldoso, insípido ou selvagem, e sempre em silêncio, com o ar de quem sussurra: ‘Venha descobrir’. Esse trecho de costa era quase desprovido de acidentes, como se ainda estivesse em produção, com um aspecto de monótona ameaça. A orla de uma selva colossal, de um verde tão escuro que era quase preto, franjada de ondas brancas, estendia-se reta, como uma linha traçada a régua, por uma distância interminável ao longo de um mar azul cuja cintilação era empanada por uma cerração em movimento. O sol brilhava feio, a terra parecia cintilar e porejar vapor. Aqui e ali, manchas de um cinza esbranquiçado apareciam aglomeradas junto à espuma branca das ondas, com uma bandeira hasteada acima delas, talvez — povoaamentos, alguns com séculos de idade, e ainda não maiores que cabeças de alfinete contra a extensão intocada do pano de fundo. Insistíamos em frente, parávamos, desembarcávamos soldados, prosseguíamos, desembarcávamos funcionários aduaneiros para recolher tributos no meio do que víamos como uma imensa área inabitada e esquecida por Deus, com um barracão de zinco e um mastro perdido, desembarcávamos mais soldados — para zelar pelos funcionários aduaneiros — presunivelmente. Alguns, ouvi dizer, afogavam-se nas ondas; mas ninguém parecia incomodar-se a ponto de verificar se tinham afundado ou não. Eram simplesmente largados ali, e seguíamos

adiante. Todo dia o litoral tinha a mesma aparência, como se não tivéssemos avançado nada; mas fomos deixando para trás vários lugares — lugares de comércio — com nomes como Gran Bassam e Little Popo, nomes que pareciam tirados de alguma farsa sórdida encenada à frente de um sinistro pano preto. A inatividade de passageiro, o meu isolamento em meio a todos aqueles homens com quem não tinha nenhum ponto de contato, o mar apático e oleoso, a escuridão uniforme da costa, tudo dava a impressão de me manter à distância da verdade das coisas, entredado em alguma ilusão lasimável e sem sentido. A voz das ondas que me chegava de vez em quando era um claro prazer, como as palavras de um irmão. Era uma coisa natural, que tinha a sua causa, que tinha um significado. De tempos em tempos, um barco vindo da costa nos punha em contato momentâneo com a realidade. Era remado por sujeitos pretos. Via-se de longe, o brilho do branco dos seus olhos. Gritavam, cantavam; a transpiração cobria os seus corpos; tinham rostos que lembravam máscaras grotescas — aqueles sujeitos; mas tinham ossos, músculos, uma vitalidade selvagem, uma energia intensa de movimento que era tão natural e verdadeira quanto as ondas do seu litoral. Não precisavam de nenhum pretexto para estarem ali. Eram um consolo para os olhos. Por algum tempo, eu voltava a sentir que ainda pertencia a um mundo de fatos inequívocos; mas a sensação não durava muito. Alguma coisa sempre surgia e tratava de abafá-la. Num dado momento, eu me lembro, encontramos um navio de guerra ancorado ao largo da costa. Não havia nem mesmo uma palhoça naquele local, e o navio bombardeava a mata. Os franceses, fui informado, vinham travando uma das suas guerras nas proximidades. A insígnia do navio pendia flácida como um trapo; as bocas dos compridos canhões de seis polegadas despontavam de todas as alturas do casco, as ondulações das águas oleosas e enlameadas faziam o navio oscilar preguiçoso, para cima e para baixo, balançando os finos mastros. No meio da imensidão vazia da terra, do céu e das águas, ali estava ele, incompreensível, disparando as suas armas contra um continente. Pan!, atirava um dos canhões de seis polegadas; uma

pequena chama dardejava antes de sumir, produzindo uma nuvenzinha de fumaça branca, um projétil modesto emitia um assobio fraco — e nada acontecia. Nada podia acontecer. Havia um quê de insanidade em todo o processo, uma sensação de pilhéria lúgubre naquela visão; que não foi dissipada quando alguém a bordo me assegurou com a maior seriedade que havia um acampamento de nativos — a quem ele chamava de inimigos — oculto em algum ponto por ali, fora das nossas vistas.

“Entregamos as cartas do navio (ouvi dizer que os homens daquela embarcação solitária vinham morrendo de febre à razão de três por dia) e seguimos em frente. Paramos em mais alguns lugares com nomes de farsa, onde a dança agitada da morte e do comércio prosseguia numa atmosfera imóvel e empoeirada como a de uma catacumba superaquecida; ao longo de todo o litoral informe bordejado por ondas perigosas, como se a própria Natureza procurasse manter os intrusos à distância; entrando e saindo de rios, correntes de morte em vida, cujas margens se decompunham em lama, cujas águas, engrossadas de borra, invadiam os manguezais tortuosos que pareciam se contorcer para nós no transe de um desespero impotente. Em nenhum lugar ficamos tempo suficiente para formar uma impressão pormenorizada, mas fui sendo tomado pela sensação geral de um espaço vago e opressivo. Aquela viagem parecia uma peregrinação exausta em meio a muitas sugestões de pesado.

“Mais de trinta dias se passaram antes que eu visse a embocadura do grande rio. Ancoramos perto da sede do governo. Mas o meu trabalho só começaria uns trezentos quilômetros mais adiante. Portanto, assim que pude, parti para um ponto cinquenta quilômetros rio acima.

“Tomei passagem num pequeno vapor que também navegava em água salgada. Seu comandante era um sueco que, ao saber que eu era do mar, convidou-me para o passageiro. Era um homem jovem, magro, claro e tristonho, com cabelos escorridos e um passo arrastado. Assim que deixamos o cais acanhado e miserável, ele indicou a costa com um gesto de cabeça cheio de desprezo. ‘Estava morando aí?’, perguntou. E eu respondi que

sim. ‘Uma gente e tanto, esse pessoal do governo — não é mesmo?’, continuou ele, falando inglês com grande precisão e considerável amargura. ‘É engaçação ver o que algumas pessoas aceitam fazer por uns poucos francos ao mês. Eu me pergunto o que acontece com essa gente quando envereda pelo interior.’ Eu lhe disse que esperava descobrir dali a pouco tempo. ‘O-o-ora!’, exclamou ele. E saiu arrastando os pés de um lado para o outro, com um olho vigilante sempre adiante do barco. ‘Não tenha tanta certeza!’, prosseguiu. ‘Outro dia transporteí um homem que se enforcou no meio do caminho. Era sueco, como eu.’ ‘Enforcou-se? Mas por quê, meu Deus?’, gritei. Ele continuou olhando atento para a frente. ‘Quem sabe? O sol foi demais para ele, ou o país, talvez.’

“Finalmente um trecho reto do rio se descortinou diante de nós. Encostas rochosas apareceram, além de montes de terra revirada junto à beira da água, casas numa colina, outras com telhado de ferro construídas no declive em meio a restos de escavações. O barulho contínuo das corredeiras mais acima pairava sobre aquela cena de devastação habitada. Muitas pessoas, na maioria negras e nuas, deslocavam-se de um lado para outro como formigas. Um ancoradouro se projetava rio adentro. O clarão cegante da luz do sol afogava de tempos em tempos toda a cena em súbitos recrudescimentos de brilho. ‘Ali fica a sede da sua Companhia’, disse o sueco, apontando para três estruturas de madeira em forma de galpão plantadas no alto da encosta rochosa. ‘Eu mando levarem as suas coisas até lá em cima. Quatro caixas, o senhor disse? Perfeito. Adeus.’

“Encontrei uma caldeira tombada de lado na relva, e em seguida um caminho que galgava o morro. Fazia algumas curvas para evitar uns penhascos e também uma locomotiva de pequeno porte caída de costas, com as rodas para o ar. Uma delas sumira. A coisa parecia tão morta quanto a carga de algum animal. Encontrei outros pedaços de maquinaria em decomposição, uma pilha de trilhos enferrujados. À esquerda, um aglomerado de árvores criava uma área de sombra onde coisas pretas pareciam mover-se timidamente. Pisquei os olhos, o

caminho era inclinado. Uma sirene tocou à direita, e vi os pretos correndo. Uma detonação violenta e surda abalou o solo, uma nuvem de fumaça brotou da encosta, e só. Mudança nenhuma apareceu na face do rochedo. Estavam construindo uma ferrovia. Não que o penhasco estivesse no caminho de nada; mas aquelas explosões sem sentido constituíam a totalidade da obra em andamento.

“Um ligeiro ruído metálico atrás de mim fez-me virar a cabeça. Seis homens negros avançavam em fila, esforçando-se para prosseguir na subida. Caminhavam eretos e lentos, equilibrando na cabeça cestos cheios de terra, e aquele tilintar acompanhava o ritmo dos seus passos. Traziam farrapos negros enrolados em torno dos quadris, e as pontas curtas do tecido balançavam como caudas abaixo das suas costas. Eu podia distinguir todas as suas costelas, as juntas dos seus membros lembravam nós numa corda, cada um trazia uma coleira de ferro no pescoço e todas estavam unidas por uma corrente cujos grandes elos oscilavam entre os homens, chacoalhando ritmicamente. Uma nova explosão vinda da encosta me fez lembrar daquele navio de guerra que eu vira disparando contra um continente. Era o mesmo tipo de voz funestra; mas por nenhum esforço da imaginação aqueles homens podiam ser chamados de inimigos. Aqui eram chamados de criminosos, e a lei que violaram chegara a eles da mesma forma que aqueles projéteis e explosivos, um mistério insolúvel vindo do mar. Os seus peitos descarnados arquejavam todos ao mesmo tempo, as narinas violentamente dilatadas estremeciam, os olhos petrificados permaneciam fixos no alto da ladeira. Passaram por mim a menos de quinze centímetros, sem um relance de olhos sequer, com aquela indiferença completa e cadavérica dos selvagens infelizes. E atrás dessa matéria bruta um dos resgatados, o produto das novas forças em ação, caminhava com postura frouxa, carregando um fuzil pelo meio da arma. Usava uma jaqueta de uniforme a que faltava um botão, e, ao ver um branco no caminho, alçou a arma ao ombro com um ar animado. Por simples prudência, já que de longe os brancos se pareciam tanto que não tinha como distinguir quem eu seria. Logo

se tranquilizou e, com um sorriso imenso, branco e malicioso, e um olhar para os seus tutelados, deu sinal de que me admitia como um parceiro da mais extrema confiança. Afinal, eu também fazia parte da grande causa que motivava aqueles elevados e justos procedimentos.

“Em vez de continuar subindo, virei e desci à esquerda. Minha ideia era deixar sair de vista aquele grupo de forçados antes de prosseguir até o alto da encosta. Vocês sabem que não sou especialmente sensível; já precisei desferir e evitar golpes. Já precisei me defender e às vezes atacar — o que não passa de uma forma de defesa — sem avaliar o custo exato — de acordo com as exigências do tipo de vida no qual acabei enredado. Já vi o demônio da violência, o demônio da cobiça e o demônio do desejo ardente; mas, por todas as estrelas, eram todos demônios fortes, vigorosos, de olhos vermelhos, que dominavam e impeliavam homens — homens, estou lhes dizendo. Mas ali, naquela colina, anteví que ao brilho ofuscante do sol daquela terra eu iria reconhecer um outro demônio, fêcido, falso e de olhos fracos, de uma insensatez rapinante e impiedosa. E o quanto esse demônio também era capaz de ser insidioso eu só iria descobrir vários meses depois, e a mais de mil quilômetros dali. Naquele momento, só tive um mau presságio, como se percebesse um aviso. Finalmente, desci um trecho da encosta por um caminho oblíquo, na direção das árvores que vira pouco antes.

“Contornei uma vasta cratera artificial que alguém vinha cavando, e cuja finalidade julguei impossível adivinhar. De qualquer modo, não era uma pedreira ou uma cova para a extração de areia. Era só um buraco. Podia se dever ao desejo filantrópico de dar algo que fazer aos criminosos. Não sei. E então quase caí numa ravina muito estreita, pouco mais que uma cicatriz na encosta. Descobri que uma imensa quantidade de canos de drenagem, fundamentais para as instalações, tinha sido despejada ali. Não havia um tubo que não estivesse partido. Era um desastre, uma perda total. E finalmente cheguei à sombra das árvores. A minha ideia era dar alguns passos protegido do sol; mas assim que cheguei ali tive a impressão de haver ingressado no

círculo de sombras de algum Inferno. As corredeiras estavam próximas, e um rumor ininterrupto, uniforme, impetuoso e trovejante preenchia o silêncio melancólico daquele arvoredo onde o ar não se movia, nenhuma brisa agitava a folhagem, produzindo um som misterioso, como se a extrema velocidade da própria Terra no espaço tivesse ficado repentinamente audível.

"Havia formas negras acocoradas, deitadas, sentadas entre as árvores, apoiadas nos troncos, coladas à terra, meio reveladas e meio ocultas pela luz atenuada em todas as posturas da dor, do abandono e do desespero. Outra carga subterrânea explodiu na encosta, seguida de um ligeiro estremecimento do solo debaixo dos meus pés. A obra prosseguia. A obra! E era naquele local que alguns dos auxiliares se tinham refugiado para morrer.

"Estavam morrendo aos poucos — era muito claro. Não eram inimigos, não eram criminosos, não eram mais coisa alguma que fosse terrena — nada mais que sombras negras da doença e da fome, jazendo de cambulhada na penumbra verde. Fazidos de todos os recantos da costa com toda a legalidade dos contratos temporários, perdidos em terreno hostil, alimentados com comida estranha, adoeciam, tornavam-se ineficientes, e finalmente lhes permitiam que se arrastassem até ali para o descanso. Aquelas formas moribundas eram livres como o ar — e quase igualmente insubstanciais. Comecei a distinguir o brilho dos olhos sob as árvores. Depois, baixando os olhos, vi um rosto perto da minha mão. A ossada negra estava reclinada ao contrário com um dos ombros encostado na árvore, lentamente as pálpebras subiram e os olhos afundados se ergueram para mim, enormes e vazios, com uma espécie de fulgor cego e branco no fundo dos globos que aos poucos foi-se apagando. O homem parecia jovem — quase um rapaz — mas, vocês sabem, no caso delas nunca é fácil afirmar com certeza. Não me ocorreu nada além de lhe oferecer um dos biscoitos do navio do meu bom suco, que eu guardara no bolso. Os dedos se fecharam devagar em torno do biscoito e o agarraram — mas não houve nenhum outro movimento, nenhum outro olhar. Ele tinha amarrado um pedaço de pano branco de lã em volta do pescoço — Por que seria?

Onde o teria conseguido? Seria uma insígnia — um ornamento — um amuleto — um ato propiciatório? Teria alguma ligação com alguma ideia? Chamava atenção, rodeando o pescoço negro, aquele pedaço de tecido branco de além-mar.

"Perto da mesma árvore havia dois outros fardos de ângulos agudos, sentados com as pernas dobradas. Um deles, com o queixo apoiado nos joelhos, olhava para o nada, com uma expressão intolerável e aterradora; o fantasma seu irmão apoiava a testa, como que derrotado por uma imensa fadiga; e à toda volta havia outros, espalhados em todas as poses do colapso contorcido, como num quadro representando um massacre ou a peste. Enquanto eu os contemplava tomado pelo horror, uma dessas criaturas se ergueu um pouco, apoiou-se nas mãos e nos joelhos, e, de quatro, seguiu até o rio para beber água. Tomou a água que colhia com a mão, depois sentou ao sol, cruzando as pernas diante de si, e, ao fim de algum tempo, deixou a cabeça lanosa cair sobre o osso do peito.

"Desisti de ficar descansando ali à sombra, e me apressei em tomar o caminho do posto. Quando cheguei perto das instalações encontrei um homem branco, num figurino tão inesperadamente elegante que num primeiro momento eu o tomei por uma espécie de visão. Vi um colarinho branco alto e engomado, punhos brancos, um palerô claro de alpaca, calças cor de neve, uma gravata clara e botas envernizadas. Nada de chapéu. Cabe-lhos repartidos, penteados, unizados de brilhantina, sob um parasol orlado de verde que ele segurava em sua enorme mão branca. Era uma visão espantosa, e tinha uma caneta atrás da orelha.

"Apertei a mão desse milagre, e fiquei sabendo que era o contador-chefe da Companhia, e que toda a contabilidade era feita naquele posto. Saíra por alguns instantes, contou-me ele, para tomar um pouco de ar fresco. A expressão soava esplendidamente bizarra, com a sua sugestão de um trabalho burocrático sedentário. Eu nem teria mencionado esse sujeito para vocês, não tivesse sido dos seus lábios que ouvi pela primeira vez o nome do homem tão indissolivelmente ligado às memórias daquele tempo. Além disso, ele me inspirou respeito. Sim. Respei-

to pelo seu colarinho, pelos punhos dobrados da sua camisa, pelos cabelos bem penteados. Lembrava na verdade um manequim de barbearia, mas em meio à grande desmoralização daquela terra ele mantinha a boa aparência. E isso é firmeza pessoal. Seus colarinhos engomados e o peitilho adornado das suas camisas eram façanhas do caráter. Fazia quase três anos que já estava ali e, mais tarde, não consegui deixar de lhe perguntar como conseguia manter suas roupas naquele estado. Ele corou muito de leve, e respondeu, encabulado: 'Ensinei a uma das mulheres nativas do posto. Foi difícil. Ela não tinha grande gosto pelo trabalho'. Assim, aquele homem havia de fato conseguido realizar alguma coisa. E tinha verdadeira devoção pelos seus livros, que viviam numa ordem impecável.

"Todo o resto do posto era uma confusão — as cabeças, as coisas, as instalações. Fileiras de negros sujos com os pés espalhados chegavam e partiam; um fluxo constante de mercadorias, peças de algodão ordinário, contas e fios de metal, era transportado para as profundezas das trevas, e de volta vinha um precioso gotejar de marfim.

"Precisei esperar no posto por dez dias — uma eternidade. Vivia numa cabana do pátio, mas para me manter a salvo do caos eu às vezes me refugiava no escritório do contador. O escritório era feito de tábuas horizontais, e tão mal construído que, sempre que ele se debruçava sobre a sua mesa alta, ficava coberto do pescoço aos calcanhares por tiras de luz do sol. Não era necessário abrir as grandes persianas para ver do lado de fora. E lá também fazia calor; moscas imensas zumbiam aneaçadoras, e não picavam: desferiam estocadas. Eu geralmente me sentava no chão, enquanto, com a sua aparência impecável (e até mesmo um tanto perfumada), empoleirado num banco alto, ele escrevia, escrevia. Às vezes se levantava da mesa, como forma de exercício. Quando uma padloia com um doente (um agente inválido do interior) foi alojada no seu gabinete, ele deu mostras de uma contrariedade contida. 'Os gemidos desse doente', dizia ele, 'desviavam a minha atenção. E sem ela é muito difícil evitar erros de escrita no clima daqui.'

"Um dia ele observou, sem eguier a cabeça: 'No interior o senhor deverá encontrar o sr. Kurtz'. Quando lhe perguntei quem era o sr. Kurtz, ele respondeu que era um agente de primeira classe; e ao ver o meu desapontamento com essa informação, acrescentou lentamente, pousando a pena: 'É um homem realmente notável'. Novas perguntas o estimularam a dizer que o sr. Kurtz era o atual responsável por um posto de troca, muito importante, em plena terra do marfim, 'no ponto mais profundo. Manda tanto marfim para cá quanto todos os outros juntos...'. Recomeçou a escrever. O doente passava mal demais para sequer emitir um gemido. Às moscas zumbiam numa grande paz.

"De repente, ouviu-se um murmúrio crescente de vozes e um grande tropel de pés descalços. Uma caravana tinha chegado. Uma violenta algaravia de sons irreconhecíveis irrompeu do outro lado das tábuas. Todos os carregadores falavam ao mesmo tempo, e no meio do tumulto a voz lamentosa do chefe do posto foi ouvida a queixar-se, 'desistindo de tudo' pela vigésima vez naquele dia... Ele se levantou devagar. 'Que barulho medonho', observou. Atravessou calmamente a sala para olhar o doente e, voltando, disse para mim: 'Ele não está ouvindo nada'. 'Quê? Morreu?', perguntei, assustado. 'Não, ainda não', respondeu ele, com grande compostura. E então, aludindo com um gesto de cabeça à confusão que reinava no pátio: 'Quando a pessoa precisa tomar o cuidado de sempre fazer registros corretos, acaba detestando esses selvagens — com um ódio de morte'. Ficou pensando por um momento. 'Quando o senhor encontrar o sr. Kurtz', continuou, 'pode lhe dizer da minha parte que tudo aqui' — olhou de relance para a mesa — 'está muito satisfatório. Não gosto de escrever para ele — com esses nossos mensageiros, nunca se sabe nas mãos de quem a sua carta vai parar — naquele Posto Central'. Ficou-me por um momento com seus olhos mansos e protuberantes. 'Ah, ele vai longe, muito longe', recomeçou. 'Vai ser alguém na Administração, dentro de pouco tempo. É o que eles, lá em cima — o Conselho na Europa, sabe — já decidiram.'

"Retornou o seu trabalho. O barulho do lado de fora tinha cessado, e decidi sair do escritório, parando na porta. Em meio

ao zumbido constante das moscas, o agente que aguardava o transporte de volta para casa jazia ruborizado e insensível; o outro, debruçado sobre os seus livros, fazia o registro correto de transações perfeitamente corretas; quinze metros além da porta, viam-se as copas imóveis do arvoredo da morte.

“No dia seguinte parti finalmente do posto, com uma caravana de sessenta homens, para uma caminhada de trezentos quilômetros.

“E nem há muita coisa que valha a pena lhes contar sobre ela. Picadas, picadas por toda parte; uma rede, batida ao extremo, de trilhas que se espalhavam pelas áreas desabitadas, em meio à relva alta, em meio à relva queimada, atravessando trechos de mata, descendo e subindo desfiladeiros impressionantes, vencendo encostas pedregosas que irradiavam um calor insuportável; e uma solidão, uma solidão, ninguém, nem uma cabana. A população já deixara aquela área muito antes. Bem, se um bando de negros misteriosos portando todo o tipo de armas assustadoras adotasse de uma hora para outra o hábito de percorrer as estradas entre Deal e Gravesend,* capturando a torto e a direito os locais mais simplórios para obrigá-los a carregar seus fardos pesados, imagino que as propriedades e os chalés da região também se esvaziariam em pouco tempo. Só que aqui as habitações também haviam desaparecido. Ainda assim, passei por várias aldeias desertas. Existe alguma coisa de pateticamente infantil nas ruínas de palçadas. Dia após dia, ouvindo sessenta pares de pés descalços a pisar a terra e se arrastar atrás de mim, cada par debaixo de um fardo de uns vinte e cinco quilos. Acampar, cozinhar, dormir, levantar acampamento, seguir caminho. De tempos em tempos um carregador morto em serviço, estendido na relva alta junto à trilha, tendo ao lado uma cabaça de água vazia e o seu longo cajado. Um grande silêncio à toda

* Deal é um porto no canal da Mancha, perto de Dover, a cerca de setenta quilômetros da cidade de Gravesend, a sudeste de Londres e à beira do Tâmesa. (N. T.)

volta e no alto. Talvez em alguma noite tranquila o rumor de tambores distantes, diminuindo e depois aumentando, um tremor vasto e tênue, um som estranho, atraente, sugestivo, e selvagem — e talvez com um significado tão profundo quanto o repicar dos sinos em terras cristãs. A certa altura, um branco de uniforme desabotoado, acampado no caminho com uma escolta armada de magros zanzibaritas,* muito hospitaleiro e festivo — para não dizer embriagado. Fora encarregado da manutenção da estrada, declarou. Não posso dizer que tenha visto estrada ou manutenção, a menos que o corpo de um negro de meia-idade com um furo de bala na testa, no qual praticamente tropecei cinco quilômetros adiante, possa ser considerado um melhoramento permanente. E eu tinha um companheiro de viagem, branco também, que não era mau sujeito, mas um pouco corpulento demais e com o hábito exasperante de desmaiar nas encostas batidas pelo sol, a quilômetros de qualquer sinal de sombra ou água. É irritante, sabem, ficar segurando o seu próprio casco aberto como um para-sol acima da cabeça de um homem enquanto ele recupera os sentidos. Certa vez, não consegui deixar de lhe perguntar o que tinha passado pela sua cabeça quando decidira vir para cá. ‘Ganhar dinheiro, claro. O que você acha?’, respondeu ele em tom de desdém. Em seguida teve uma febre, e precisava ser carregado numa rede pendente de uma vara comprida. Como pesava quase cem quilos, as discussões com os carregadores eram intermináveis. Eles empacavam, fugiam, suam com os seus fardos no meio da noite — um verdadeiro motim. Assim, uma noite eu fiz um discurso em inglês com muitos gestos, nenhum dos quais deixou de ser registrado pelos sessenta pares de olhos que me assistiam, e na manhã seguinte mandei a rede seguir à nossa frente. Uma hora mais tarde, deparei-me com tudo aquilo enfadado num matagal — homem, rede, gemidos, cobertores, horrores. A vara pesada esfolara o

* Zanzibaritas, nativos da ilha de Zanzibar, na costa oriental da África, muito usados como carregadores ou mercenários em expedições europeias. (N. T.)

seu pobre nariz. Demonstrava grande desejo de que eu matasse alguém, mas não havia nem sombra de carregador por perto. Lembrei-me do velho médico — 'Poderia ser interessante para a ciência observar as mudanças mentais dos indivíduos no local'. Senti que eu já tinha adquirido algum interesse científico. Mesmo assim, nada disso importa muito. No décimo quinto dia tornei a avistar o grande rio, e logo cheguei trôpego ao Posto Central da Companhia. Ficava numa enseada do rio, um remanso rodeado de cerrado e floresta, cercado por uma bela fronteira de lama malcheirosa de um dos lados e, dos três outros, por uma paliçada absurda de pés de junco. Uma abertura esquecida era tudo que tinha em matéria de portão, e um único olhar já bastava para perceber qual era o demônio fúcido que comandava aquele espetáculo. Brancos com longos cajados nas mãos surgiram morosos dentre as construções, aproximaram-se para me examinar e depois se retiraram para algum lugar fora das minhas vistas. Um deles, um sujeito corpulento e excitável de bigodes negros, informou-me com grande volubilidade e muitas digressões, assim que eu lhe disse quem era, que o meu vapor repousava no fundo do rio. Fiquei estupefato. O quê, como, por quê? Ah, 'estava tudo bem'. O 'Gerente em pessoa' se encontrava lá na ocasião. 'Tudo perfeitamente correto.' Todos tinham se comportado da maneira mais esplêndida! esplêndida! 'O senhor precisa', disse ele muito agrado, 'ir ver o Gerente Geral agora mesmo. Ele está à sua espera.'

"Não percebi de imediato a verdadeira significação daquele naufrágio. Acho que entendo agora, mas não tenho certeza — certeza nenhuma. Não há dúvida de que foi uma ocorrência estúpida demais — pensando bem — para ter sido totalmente natural. Ainda assim... Mas àquela altura o caso só me foi apresentado como um maldito contratempo. O vapor havia afundado. Tinham partido dois dias antes rio acima numa pressa repentina, com o Gerente a bordo, sob o comando improvisado de algum voluntário, e em menos de três horas rebentaram o fundo do barco numas pedras e ele naufragou perto da margem sul. Eu me perguntei o que poderia fazer ali — agora que o meu

barco estava perdido. Na verdade, tinha muito que fazer para pescar a embarcação sob o meu comando e tirá-la do fundo do rio. E precisava me entregar à tarefa já no dia seguinte. Isso, e mais os reparos depois que eu trouxe a carcaça recuperada de volta para o posto, levou vários meses.

"Minha primeira entrevista com o Gerente foi curiosa. Ele não me convidou a sentar, depois da minha caminhada de mais de trinta quilômetros daquela manhã. Era um homem comum em matéria de cor, semblante, modos e voz. Tinha altura mediana e compleição normal. Seus olhos, do azul costumeiro, mostravam-se talvez notavelmente frios, e ele era capaz de fazer esse olhar cair sobre alguém com o peso e o grunhe de um machado. Mesmo em tais ocasiões, porém, o resto da sua pessoa parecia negar essa intenção. Além do olhar, exibia apenas uma expressão leve e indefinível nos lábios, uma coisa furtiva — um sorriso — um não sorriso — de que me lembro bem mas que não sei explicar. Era inconsciente, aquele sorriso, e sempre se intensificava por um instante depois que ele dizia alguma coisa. Vinha ao final das suas frases como um selo que, aplicado às palavras, fazia a mais banal das expressões parecer absolutamente indecifrável. Ele era um comerciante comum, desde a juventude empregado naquelas partes — nada mais. Era obedecido, mas não inspirava amor e nem mesmo respeito. Inspirava desconforto — era isso. Desconforto. Não uma suspeita clara — só desconforto — e nada mais. Vocês não fazem ideia de como essa... essa... faculdade pode ser eficaz. O homem não tinha nenhum talento especial para a organização, para o comando ou sequer para a ordem. O que certos sinais, como o estado deplorável do posto, deixavam bem claro. Não tinha estudo, não tinha inteligência. Chegara à sua posição — por quê? Talvez porque nunca ficasse doente... Já servira naquele lugar três temporadas de três anos cada... Porque a saúde triunfante, em meio à derrocada geral das constituições, já era um poder em si mesma. Quando ia de folga para a Europa, entregava-se à dissipação em grande escala — o típico marinheiro em terra firme, só que pretensioso — e essa diferença era só na superfície. E disso qualquer um podia saber,

com base no que ele costumava revelar em conversas casuais. Já-mais construíra ou dera origem a coisa alguma; era capaz de manter a rotina em andamento — e só. Mas era excelente para a posição. E excelente por um único motivo: impossível descobrir o que controlava um homem como ele. Nunca revelava esse segredo. Talvez não tivesse nada dentro de si. E essa suspeita deixava qualquer um na incerteza — porque naquele lugar não havia restrições externas. Certa vez, quando várias doenças tropicais derrubaram quase todos os 'agentes' do posto, ouviram-no dizer: 'Os homens que vêm para cá não deviam ter entrado'. E arrematou a declaração com aquele seu sorriso, como se fechasse uma porta que dava para a escuridão e ele mantinha sob custódia. Você podia até imaginar que tinha visto alguma coisa — mas a abertura já fora selada. Incomodado à hora das refeições pelas constantes disputas entre os brancos sobre questões de precedência, mandou fazer uma imensa mesa redonda para a qual uma casa especial precisou ser construída. Lá ficou sendo o refeitório do posto. O ponto onde ele se instalava era o lugar mais importante — os demais não eram lugar nenhum. E disso ele parecia inalteravelmente convencido. Não era cortês nem descolado. Guardava silêncio. Permitia que o seu 'garoto' — um jovem negro superalimentado da costa — tratasse os brancos, diante dos seus próprios olhos, com uma insolência provocativa.

"Começou a falar assim que me viu. Eu havia demorado demais na minha viagem. E ele não pôde mais esperar. Tivera de partir sem mim. Os agentes dos postos rio acima precisavam ser rendidos. Os atrasos tinham sido tantos que nem sabia mais quem estava morto ou vivo, e como ia o trabalho deles — e mais isso, e mais aquilo. Não deu nenhuma atenção às explicações que lhe apresentei e, brincando com um bastão de lacre, repetiu várias vezes que a situação era 'muito grave, muito grave'. Havia boatos de que um posto de grande importância estava sob ameaça, e de que o seu chefe, o sr. Kurtz, adoecera. Esperava que não fosse verdade. O sr. Kurtz era... Eu estava cansado, e irritável. Dane-se Kurtz, pensei. Interrompi dizendo que ouvira

falar do sr. Kurtz na costa. 'Ah! Quer dizer que falamos dele por lá', murmurou para si mesmo. E em seguida começou, garantindo que o sr. Kurtz era o melhor agente que tinha, um homem excepcional, da maior importância para a Companhia; e que por isso eu podia compreender a sua ansiedade. Estava, disse ele, 'muito, muito apreensivo'. Na cadeira, pelo menos, remexia-se com grande agitação. Exclamou: 'Ah, o sr. Kurtz!', partiu em dois o bastão de lacre e pareceu ficar extremamente desconcertado com o acidente. Mas logo em seguida quis saber 'quanto tempo seria necessário para...'. E tornei a interrompê-lo. Por estar faminto, sabem, e também obrigado a me manter de pé, eu estava ficando enraivecido. 'E como posso saber', disse eu. 'Ainda nem vi o que restou do barco. Alguns meses, sem dúvida'. Toda aquela conversa me parecia tão fútil. 'Alguns meses', disse ele. 'Bem, digamos três meses até podermos partir. Sim. Devem ser suficientes, no caso.' Sai impetuosamente da sua cabana (ele vivia sozinho numa cabana de barro com uma espécie de varanda), murmurando entre dentes minha opinião sobre ele. Era um idiota que falava demais. Mais tarde, mudei de opinião quando finalmente não pude deixar de perceber com que extrema precisão ele avaliara o tempo que aquele 'caso' demandava.

"Comecei a trabalhar no dia seguinte, dando, por assim dizer, as costas para aquele posto. E foi só desse modo que me paguei possível manter-me ligado às coisas compensadoras da vida. Ainda assim, de tempos em tempos é preciso olhar em volta; e então eu via aquele posto, aqueles homens perambulando a esmo pelo pátio ensolarado. E às vezes me perguntava o que tudo aquilo podia significar. Eles vagavam de um lado para o outro com aqueles cajados absurdamente longos nas mãos, como um bando de peregrinos descrentes aprisionados por um feitiço na área rodeada por uma cerca apodrecida. A palavra *marfim* vibrava no ar, era susurrada, suspirada. Tinha-se a impressão de que era ao marfim que dirigiam as suas preces. Uma aura infeita de rapacidade boga se espalhava por todo aquele lugar, como o odor que emana de um cadáver. Por Júpiter! Nunca vi nada mais irreal na minha vida. E do lado de fora, as

extensões selvagens e silenciosas que cercavam aquela clareira minúscula me pareciam uma coisa imensa e invencível, como o mal ou a verdade, aguardando com toda a paciência o fim daquela invasão grotesca.

“Ah, esses meses! Mas não importa, afinal. Diversas coisas aconteceram. Certa noite, uma cabana de palha repleta de cortes de chita e morim, miçangas e não sei que mais irrompeu num incêndio tão repentino que parecia que a Terra se abritara, mandando um fogo vingador consumir todo aquele lixo. Eu estava fumando o meu cachimbo em silêncio perto do vapor destrogado, e via todos dando cabriolas à luz das chamas com os braços para o alto, quando o sujeito rechonchudo de bigodes apareceu correndo junto ao rio, com um balde de estranho nas mãos, e me garantiu que todos estavam tendo um comportamento ‘esplêndido, esplêndido’. Recolheu cerca de um litro de água e saiu correndo de volta. Percebi que havia um furo no fundo do seu balde.

“Subi caminhando. Não havia pressa. Dava para ver que aquilo tudo ardera como uma caixa de fósforos. Desde o início não havia nada a fazer. As chamas subiram depressa, impediram que qualquer um se aproximasse, consumiram tudo — e se extinguiram. A cabana já estava reduzida a um braseiro de brilho ferroz. Um negro estava sendo surrado ali perto. Disseram que provocara o incêndio de algum modo; seja como for, ele soltava os guinchos mais horrendos. E eu o vi depois por vários dias, sentado num trecho de sombra, com um ar muito doente e tentando recuperar-se. Mais tarde, ele se levantou e foi embora — e a selva, sem um som, tornou a acolhê-lo em seu seio. Quando eu me aproximava das brasas, vindo do escuro, vi-me às costas de dois homens que conversavam. Ouvi que pronunciavam o nome de Kurtz, e depois as palavras ‘tirar vantagem desse acidente infeliz’. Um dos dois homens era o Gerente. Desejei-lhe boa noite. ‘O senhor já viu uma coisa assim — hein? é incrível’, disse ele, e afastou-se. O outro homem ficou. Era um agente de primeira classe, jovem, muito distinto, um tanto reservado, com uma pequena barba bifurcada e o na-

riz adunco. Costumava se esquivar dos demais agentes, e eles, pelo seu lado, diziam que ele os espiava para o Gerente. Quanto a mim, quase nunca trocava uma palavra com ele. Começamos a conversar, e aos poucos nos afiamos dos destroços fumegantes. Ele então me convidou a ir até seu quarto, que ficava na unidade principal do posto. Riscou um fósforo, e percebi que aquele jovem aristocrata tinha não só um estrojo de toalete adornado de prata como ainda uma vela inteira só para ele. Aquela altura, todos imaginavam que o Gerente era o único homem do posto com direito a velas. Estranhas nativas cobriam as paredes de barro; delas pendia uma coleção de troféus, lanças, azagaia, escudos e facas. A atividade confiada àquele homem era a fabricação de tijolos — foi o que me informaram; mas não havia nenhum caco de tijolo à vista em todo o posto, e já fazia mais de um ano que ele estava lá — esperando. Parece que não podia fabricar tijolos sem alguma coisa, não sei o quê — palha, talvez. De qualquer maneira, era coisa que faltava por lá e, como era improvável que viessem a lhe enviar aquilo da Europa, não entendi muito bem o que ele ainda estava esperando. Um ato especial de criação divina, talvez. De qualquer maneira, todos ali — todos aqueles dezesseis ou vinte peregrinos — estavam à espera de alguma coisa; e posso lhes garantir que não parecia uma ocupação desagradável, pelo modo como a encaravam, embora a única coisa que lhes acontecesse afinal fosse a doença — até onde eu podia ver. Passavam o tempo fomentando tramas e trações uns contra os outros, da maneira mais tola. Uma atmosfera de intriga pairava por todo o posto, o que todavia nunca resultava em nada, claro. Era tão irreal como todo o resto — como a falsa intenção filantrópica do empreendimento, como as suas conversas, como o seu governo, como o trabalho que simulavam realizar. Seu único sentimento real era o desejo de serem indicados para algum posto onde fosse possível obter marfim, a fim de poderem receber as respectivas percentagens. Conspiravam, caluniavam e odiavam-se uns aos outros só por isso — mas quando era o caso de levantar um dedinho que fosse para produzir alguma coisa —

ah, não. Céus! Existe afinal no mundo uma situação que permite a um homem roubar cavalos enquanto outro sequer tem o direito de pôr os olhos num cabresto. Roubar um cavalo com a maior destreza. Pois muito bem, está roubado. Pode ser até que ele saiba montar. Mas existe um modo de olhar para um cabresto que faria o mais caridoso dos santos reagir a pontapés.

“Eu não tinha ideia do motivo para ele se mostrar tão social, mas enquanto conversávamos ali ocorreu-me de repente que ele estava tentando chegar a algum lugar — que, na verdade, tentava se inteirar das coisas através de mim. Aludia o tempo todo à Europa, às pessoas de lá que eu devia conhecer — fazendo perguntas sobre os meus conhecidos na cidade sepulcral e assim por diante. Seus olhinhos cintilavam como discos de mica — de curiosidade — embora ele tentasse afetar um certo desinteresse. Num primeiro momento fiquei espantado, mas logo me veio uma grande curiosidade de ver o que ele pretendia descobrir por meu intermédio. Eu não conseguia imaginar o que, em mim, poderia compensar aquele interrogatório. Era muito engraçado vê-lo esfalfar-se em vão, porque na verdade o meu corpo só guardava calafrios, e a minha cabeça, nada além daquela maldita história do barco a vapor. Era evidente que ele me tomava por um prevaricador perfeitamente desavergonhado. Finalmente se irritou e, para esconder um movimento de impaciência raivosa, abriu um bocejo. Levantei-me. E então percebi um pequeno esbogo a óleo, pintado num painel de madeira, representando uma mulher que, com um manto e os olhos vendados, carregava uma tocha acesa. O fundo era sombrio — quase negro. O movimento da mulher era imponente, e o efeito da luz da tocha no seu rosto era sinistro.

“A pintura me fascinou, e ele parou cortesmente ao lado do quadro, segurando uma garrafa vazia de quarto de litro de champagne (receita médica) com a vela enfiada no gargalo. À minha pergunta, respondeu que tinha sido o sr. Kurtz quem pintara aquilo — naquele mesmo posto, mais de um ano antes — enquanto esperava um meio de seguir para o interior. ‘Por favor me diga’, disse eu, ‘quem é esse sr. Kurtz?’

“O chefe do Posto do Interior’, respondeu ele num tom seco, desviando os olhos. ‘Muito obrigado’, disse eu, rindo. ‘E o senhor é o fabricante de tijolos do Posto Central. Disso todo mundo sabe.’ Ele ficou calado por algum tempo. ‘Ele é um prodígio’, disse afinal. ‘E um emissário da caridade, da ciência, do progresso, e sabe o diabo do que mais. Para conduzir a causa’, começou a declamar de repente, ‘que a Europa nos conhou, por assim dizer, precisamos de uma inteligência superior, tocada por uma paixão de grande alcance, guiada por um único propósito.’ ‘Quem disse isso?’, perguntei. ‘Muita gente’, foi a resposta. ‘Alguns até escreveram; e então *ele* chega aqui, um ser único, como o senhor bem deve saber.’ ‘E por que eu deveria saber?’, interrompi, genuinamente surpreso. Ele não me deu atenção. ‘Sim. Hoje ele chefa o melhor posto, ano que vem será gerente adjunto, mais dois anos e... mas acho que o senhor sabe o que ele virá a ser dentro de dois anos. O senhor é da nova turma — a turma da virtude. As mesmas pessoas que cuidaram de mandar Kurtz também recomendaram o senhor. Ah, não me diga que não. Posso confiar nos meus próprios olhos.’ E a luz despontou no meu espírito. Os conhecimentos influentes da minha querida tia estavam produzindo um efeito inesperado sobre aquele jovem. E quase prontopi numa risada. ‘O senhor lê a correspondência confidencial da Companhia?’, perguntei. Ele ficou mudo. Era muito divertido. ‘Quando o sr. Kurtz’, continuei, em tom severo, ‘for o Gerente Geral, o senhor não terá mais essa oportunidade.’

“Ele soprou bruscamente a vela, e saímos. A lua tinha raído. Silhuetas negras vagavam de um lado para o outro desalentadas, derramando água no brazeiro de onde provinha um chiado sibilante; o vapor se elevava à luz da lua; o negro espancado gemia em algum lugar. ‘Quanto barulho faz esse animal!’, disse o homem infatigável com seus bigodes, aparecendo perto de nós. ‘Pois é bem feito. Erró — castigo — plá! Sem dó nem piedade. É o único jeito. Só assim para prevenir incêndios futuros. Estava agora mesmo dizendo ao Gerente...’ Percebeu quem era o meu companheiro, e no mesmo instante lhe caiu a crista. ‘Ain-

da não fomos para a cama', disse ele, com uma espécie de animação servil, 'é tão natural. Hal Perigo — agitação.' Despareceu. Caminhei até a beira das águas do rio, seguido pelo outro. Ouvi um comentário áspero murmurado: 'Bando de cretinos — por aqui'. Viam-se os peregrinos em grupos, a gesticular e discutir. Vários ainda traziam seus cajados nas mãos. Acredito que não se separavam deles nem quando iam para a cama. Para além da paliçada, a floresta se erguia espectral ao luar, e ultrapassando aquele burburinho indistinto, infiltrando-se entre os sons fracos daquele pátio lamentável, o silêncio da terra nos atingia em pleno coração — o seu mistério, a sua grandeza, a realidade espantosa da sua vida oculta. O negro machucado gemia baixinho em algum ponto próximo, depois exalou um suspiro profundo que me fez apressar o passo para longe dali. Sentí que a mão do sujeito se insinuava por baixo do meu braço. 'Meu caro senhor', disse ele, 'não quero ser mal compreendido, especialmente pelo senhor, que vai ver o sr. Kurtz muito antes que eu possa ter essa satisfação. E não gostaria que ele formasse uma ideia errada sobre as minhas inclinações..'

"Deixei que ele prosseguisse, aquele *Mefistófeles de papier mâché*, e me pareceu que, caso eu quisesse, poderia trespassá-lo com o indicador sem encontrar substância alguma além de uma certa sujeira solta, talvez. Ele, estou lhes dizendo, tinha planos de se tornar gerente adjunto com o tempo, sob o comando do homem atual, e percebi que a chegada daquele Kurtz atrapalhara os dois, e bastante. Ele falava com precipitação, e eu não quis interrompê-lo. Apoiei os ombros nos destroços do vapor, que tínhamos arrastado barranco acima como a carcaça de algum imenso animal do rio. O cheiro da lama, da lama primeva, por Júpiter, enchia as minhas narinas, a extrema quietude da floresta intacta se estendia diante dos meus olhos; manchas de luz tremulavam na negra superfície daquela enseada do rio. A lua espalhava sobre tudo uma fina camada de prata — sobre a relva crescida, sobre a lama, sobre a muralha de vegetação emaranhada que se erguia mais alta que o muro de um templo, sobre o grande rio que eu via através de uma brecha escura cintilando, cintilando, enquan-

to seguia seu vasto curso sem nem mesmo um murmurio. Tudo aquilo era grandioso, expectante, silencioso, ao mesmo tempo em que aquele homem matraqueava a respeito de si mesmo. Perguntei-me se devia ver como um apelo ou como uma ameaça o aparente silêncio da imensidão que nos contemplava. O que éramos nós, que tínhamos ido parar ali? Seríamos capazes de dar conta daquela coisa muda, ou era ela que acabaria conosco? E senti como era imensa, diabolicamente imensa, aquela coisa que nada dizia e talvez fosse surda também. O que conteria? Eu via um pouco do marfim que vinha de lá, e ouvira dizer que era a residência do sr. Kurtz. E já escutara muita coisa sobre ele também — sabe Deus! E no entanto, de algum modo, nada do que me diziam evocava uma imagem — não mais do que se me contassem que lá vivia um anjo ou um monstro. Eu acreditava na informação da mesma forma que vocês poderiam acreditar que existem habitantes no planeta Marte. Conheci um escocês que costurava velas de barco e tinha certeza, segurança absoluta, de que existiam habitantes em Marte. Se você lhe pedisse para descrever como eram ou se comportavam, ele se mostrava menos falante e só murmurava algo como 'andam de quatro'. Se você sequer esboçasse um sorriso, ele — embora fosse um homem de sessenta anos — erguia os punhos e o chamava para a briga. Eu não chegaria ao ponto de trocar socos por causa de Kurtz, mas por ele estive bem perto de mentir. Vocês sabem o quanto odeio, detesto e não suporto a mentira, não porque eu seja mais correto que o resto dos homens, mas simplesmente porque ela me causa horror. Existe um ranço de morte, um laivo de mortalidade na mentira — que é exatamente o que eu odeio e detesto no mundo — o que procuro esquecer. Ela me deixa abatido e enojado, como se tivesse abocanhado alguma coisa podre. Temperamento, deve ser. Bem, pois cheguei muito perto de mentir ao deixar aquele jovem idiota crer no que preferia imaginar em relação à minha influência na Europa. De uma hora para outra, eu me transformara numa farsa tão grande quanto o resto dos peregrinos enfeitados. E só porque me pareceu que isso poderia ajudar de alguma forma esse Kurtz que, até aquela altura, eu

nunca tinha visto — vocês entendem. Para mim ele era apenas uma palavra. Eu não conseguia ver o homem no nome, como vocês tampouco devem poder ver. Será que conseguem vê-lo? Será que entendem a história? Será que conseguem ver alguma coisa? A mim, parece que estou tentando contar-lhes um sonho — em vão, porque nenhum relato de sonho sabe transmitir a sensação do sonho, aquele amálgama de absurdo, surpresa e admiração no tremor de quem se debate, aquela impressão de ter sido capturado pelo inacreditável que é a própria essência dos sonhos...”

Ficou calado por algum tempo.

“... Não, é impossível; é impossível transmitir a sensação vivida de qualquer momento dado da nossa existência — aquilo que constitui a sua verdade, o seu sentido — a sua essência sutil e penetrante. É impossível. Vivemos, como sonhamos — sozinhos...”

Fez uma nova pausa, como se refletisse, e então acrescentou: “Claro que nisso vocês podem ver mais do que eu via na ocasião. Veem a mim, a quem vocês conhecem...”

A escuridão se aprofundara tanto que nós, os ouvintes, mal conseguíamos nos entrever. Por algum tempo já ele, sentado à parte, transformara-se apenas numa voz para nós outros. Ninguém dizia nada. Os demais podiam estar dormindo, mas eu estava desperto. Eu escutava, escutava, atento à frase, à palavra, que me explicasse o ligeiro desconforto inspirado por aquela narrativa que parecia condensar-se por conta própria, sem a ajuda de lábios humanos, no pesado ar noturno do rio.

“... Sim — deixei”, recomendou Marlow, “que ele continuasse pensando o que quisesse dos poderes que eu teria por trás de mim. Deixe! Quando por trás de mim não havia nada! Nada além daquele vapor maltratado, velho e retorcido em que eu me apoiava, enquanto ele discoria com tanta fluência sobre ‘a necessidade que todos têm de progredir’. ‘E quando a pessoa vem para cá, o senhor bem pode imaginar, não é para ficar contemplando a lua.’ O sr. Kurtz era um ‘gênio universal’, mas mesmo para um gênio era mais fácil trabalhar com ‘ferramentas adequadas — homens inteligentes’. Ele não estava fabricando tijolos —

aímal, havia uma impossibilidade física — como eu bem sabia; se desempenhava funções secretárias para o Gerente, era porque ‘nenhum homem sensato rejeita sumariamente a confiança dos seus superiores’. Será que eu não entendia? Sim, eu entendia. E o que mais queria eu? O que eu realmente queria eram rebites, em nome dos Céus! Rebites. Para continuar o meu trabalho — tapar o buraco. Rebites, era o que eu queria. Havia caixotes e mais caixotes de rebites na costa — caixotes — empilhados — repletos — a ponto de rebentarem! No terreno daquele posto da encosta, a cada dois passos você tropeçava num rebite solto. Rebites tinham rolado para o arvoredo da morte. Bastava se abaixar para encher os bolsos de rebites — e ali, onde eram necessários, não havia um rebite sequer. Tínhamos chapas de metal que dariam conta do recado, mas nada com que prendê-las. E toda semana o mensageiro, um negro solitário, com a sacola de cartas ao ombro e o cajado nas mãos, deixava o nosso posto rumo à costa. E várias vezes por semana uma caravana da costa chegava carregada de artigos para troca — cortes de chita tingida de uma cor horrenda, que provocava calafrios só de olhar, miçangas de vidro que deviam valer um tostão por litro, lenços horríveis de algodão de bolinhas. Três carregadores poderiam trazer todo o necessário para fazer aquele barco flutuar.

“Agora ele tendia à confidência, mas imagino que a minha atitude pouco calorosa o tenha finalmente exasperado, pois julgou necessário me informar que não temia nem a Deus nem ao diabo, quanto mais a um simples homem. Respondi que isso se via claramente, mas que o que eu desejava era uma certa quantidade de rebites — e que, na verdade, eram rebites que o sr. Kurtz também iria querer, caso se interessasse dos fatos. Cartas seguíam para a costa toda semana... ‘Meu caro senhor’, exclamou ele, ‘escravo aquilo que me dizem’. Exigi os rebites. Havia meios — para um homem inteligente. Ele mudou de comportamento; assumiu uma grande frieza e começou de repente a falar sobre um hipopótamo; imaginava-se, dormindo a bordo do vapor (eu não me afastava dos meus destrocós, noite e dia), eu não seria perturbado. Havia um velho hipopótamo que tinha o mau costume

de subir à margem e vagar à noite pelo terreno do posto. Os peregrinos costumavam acoitar em bando e descarregar na direção da ferra todos os fuzis em que conseguiam pôr as mãos. Alguns deles tinham chegado a passar noites de vigília à espera da criatura. Toda aquela energia, porém, fora em vão. 'Alguns tipos de magia protegem a vida daquele animal', disse ele; 'mas neste país isso só acontece com as feras. Nenhum homem — o senhor me compreende? — nenhum homem daqui tem a vida protegida por magia alguma.' Ficou ali parado por um momento à luz da lua, com seu delicado nariz adunco um pouco envesado e os olhos de mica faiscando sem piscar, e em seguida, com um boavelmente abalado, o que me deixou mais confiante do que me sentira em muitos dias. Foi um grande consolo trocar a companhia daquele sujeito pelo meu amigo influente, o velho vapor destrogado, retorcido e precário. Subi a bordo. O casco ressoava sob os meus pés como uma lata vazia de biscoitos que você saísse impelindo aos pontapés pela sanja; sua constituição não era nada sólida, sua forma não tinha nada de bonito, mas eu empregara naquele barco uma quantidade suficiente de trabalho árduo para começar a amá-lo. Não havia amigo influente que pudesse me servir melhor. Ele me dera a oportunidade de revelar-me um pouco — descobrir do que eu era capaz. Não. Não só pensando em todas as coisas que podem ser feitas. Não. Não to do trabalho — ninguém gosta — mas gosto do que o trabalho proporciona — a oportunidade de se encontrar. A sua própria realidade — para você, não para os outros — que nenhum outro homem jamais terá como conhecer. Os outros só enxergam a mera aparência, e jamais sabem o que a pessoa de fato sente.

"Não fiquei surpreso de encontrar alguém sentado no convés junto à popa, com as pernas pendendo sobre a lama. Sabes, nicos que havia no posto, a quem os outros peregrinos naturalmente desprezavam — em virtude, suponho, do quanto os seus

modos deixavam a desejar. E esse era o capataz — por ofício um caldeireiro —, um bom trabalhador. Era um homem magro, ossudo, de rosto amarelo, com olhos grandes e intensos. Seu semblante era preocupado, e a cabeça, calva como a palma da minha mão, mas os cabelos, ao abandonarem o crânio, pareciam ter ficado apegados ao seu queixo, prosperando na área nova, visto que a barba lhe descia até a cintura. Era vivo, tinha seis filhos pequenos (que deixara aos cuidados de uma irmã), e a paixão da sua vida era a criação de pombos. Era um entusiasta, e entendia muito do assunto. Era louco por pombos. Depois do horário de trabalho, às vezes vinha da sua cabana conversar sobre os seus filhos e os seus pombos; no trabalho, quando precisava se artar pela lama debaixo do casco do vapor, embrulhava aquela barba numa espécie de guardanapo branco, com alças que o prendiam atrás das orelhas, que carregava consigo especialmente para isso. À noite, sempre podia ser visto agachado à beira da água, lavando com grande cuidado aquele pano, que depois es-tendia solenemente num arbusto para secar.

"Dei-lhe um tapa nas costas e gritei: 'Vámos receber os relobites!'. E ele se levantou de um salto, exclamando: 'Não! Os relobites!', como se não pudesse acreditar no que estava ouvindo. E então, numa voz mais baixa: 'Você... hein?'. E não sei por quê, mas nos comportamos como dois lunáticos. Eu pus o dedo do lado do nariz e assenti com a cabeça, fazendo ar de mistério. 'Muito bem!'; gritou ele, estalando os dedos por cima da cabeça e erguendo um dos pés. Tentei uma jiga. Começamos a pular no convés de ferro. Aquela casco produzia um barulho assustador, e a floresta virgem na margem oposta da enseada devolveu uma trovada ensurdecedora ao posto adormecido. Deve ter feito alguns dos peregrinos se levantarem em suas palhoças. Uma silhueta escura se destacou contra a porta iluminada da cabana do Gerente, desapareceu, e depois, mais ou menos um segundo depois, a própria porta também desapareceu. Paramos de pular, e o silêncio enxotado pelas pancadas dos nossos pés tornou a refluir dos recessos da Terra. A alta muralha de vegetação, aquela massa exuberante e emaranhada de troncos, galhos, folhas, ra-

de subir à margem e vagar à noite pelo terreno do posto. Os peregrinos costumavam correr em bando e descarregar na direção da ferra todos os fuzis em que conseguiram pôr as mãos. Alguns deles tinham chegado a passar noites de vigília à espera da criatura. Toda aquela energia, porém, fora em vão. 'Algum tipo de magia protege a vida daquele animal', disse ele; 'mas neste país isso só acontece com as feras. Nenhum homem — o senhor me compreende? — nenhum homem daqui tem a vida protegida por magia alguma.' Ficou ali parado por um momento à luz da lua, com seu delicado nariz adunco um pouco envesado e os olhos de mica faiscando sem piscar, e em seguida, com um boavemente abalado, o que me deixou mais confiante do que me sentira em muitos dias. Foi um grande consolo trocar a companhia daquele sujeito pelo meu amigo influente, o velho vapor destrogado, retorcido e precário. Subi a bordo. O casco ressoava sob os meus pés como uma lata vazia de biscoitos que você saísse impelindo aos pontapés pela sarjeta; sua constituição não era nada sólida, sua forma não tinha nada de bonito, mas eu empregara naquele barco uma quantidade suficiente de trabalho árduo para começar a amá-lo. Não havia amigo influente que pudesse me servir melhor. Ele me dera a oportunidade de revelar-me um pouco — descobrir do que eu era capaz. Não. Não só pensando em todas as coisas que podem ser feitas. Não. Não to do trabalho — ninguém gosta — mas gosto do que o trabalho proporciona — a oportunidade de se encontrar. A sua própria realidade — para você, não para os outros — que nenhum outro homem jamais terá como conhecer. Os outros só enxergam a mera aparência, e jamais sabem o que a pessoa de fato sente.

"Não fiquei surpreso de encontrar alguém sentado no convés junto à popa, com as pernas pendendo sobre a lama. Sabes, nicos que havia no posto, a quem os outros peregrinos naturalmente desprezavam — em virtude, suponho, do quanto os seus

modos deixavam a desejar. E esse era o capataz — por ofício um caldeireiro —, um bom trabalhador. Era um homem magro, ossudo, de rosto amarelo, com olhos grandes e intensos. Seu semblante era preocupado, e a cabeça, calva como a palma da minha mão, mas os cabelos, ao abandonarem o crânio, pareciam ter ficado apegados ao seu queixo, prosperando na área nova, visto que a barba lhe descia até a cintura. Era vivo, tinha seis filhos pequenos (que deixara aos cuidados de uma irmã), e a paixão da sua vida era a criação de pombos. Era um entusiasta, e entendia muito do assunto. Era louco por pombos. Depois do horário de trabalho, às vezes vinha da sua cabana conversar sobre os seus filhos e os seus pombos; no trabalho, quando precisava se arrastar pela lama de baixo do casco do vapor, embrulhava aquela barba numa espécie de guardanapo branco, com alças que o prendiam atrás das orelhas, que carregava consigo especialmente para isso. À noite, sempre podia ser visto agachado à beira da água, lavando com grande cuidado aquele pano, que depois es-tendia solenemente num arbusto para secar.

"Dei-lhe um tapa nas costas e gritei: 'Vamos receber os rebites!'. E ele se levantou de um salto, exclamando: 'Não! Os rebites!', como se não pudesse acreditar no que estava ouvindo. E então, numa voz mais baixa: 'Você... hein?'. E não sei por quê, mas nos comportamos como dois lunáticos. Eu pus o dedo do lado do nariz e assenti com a cabeça, fazendo ar de mistério. 'Muito bem!', gritou ele, estalando os dedos por cima da cabeça e erguendo um dos pés. Tentei uma jiga. Começamos a pular no convés de ferro. Aquela casca produzia um barulho assustador, e a floresta virgem na margem oposta da enseada devolveu uma trovoadá ensurdecedora ao posto adormecido. Deve ter feito alguns dos peregrinos se levantarem em suas palhoças. Uma silhueta escura se destacou contra a porta iluminada da cabana do Gerente, desapareceu, e depois, mais ou menos um segundo depois, a própria porta também desapareceu. Paramos de pular, e o silêncio enxotado pelas pancadas dos nossos pés tornou a re-fluir dos recessos da Terra. A alta muralha de vegetação, aquela massa exuberante e emaranhada de troncos, galhos, folhas, ra-

mos e cipós, imóvel ao luar, parecia uma turbulenta enxurrada de vida muda, um vagalhão de plantas acumuladas, erguido, prestes a se quebrar sobre aquela enseada do rio e nos levar de roldão, dando cabo das nossas ínfimas existências humanas. Mas não se movia. Uma explosão amortecida de água espadanando e rugidos nos alcançou vinda de longe, como se um ictiossauro tivesse decido emergir à superfície cintilante do grande rio. 'Ah! final', disse o caldeireiro num tom razoável, 'por que não haveríamos de conseguir os nossos rebites?' Por que não, de fato? Eu não sabia de nenhum motivo para que não chegassem. 'Estarão aqui dentro de três semanas', afirmei, confiante.

"Mas não chegaram. Em vez dos rebites tivemos uma invasão, um flagelo, uma visitação. Chegou em partes ao longo das três semanas seguintes, cada uma delas encabeçada por um juízo cavalegado por um homem branco de roupas novas e sapatos de couro amarelo, que do alto da montaria saudava os peregrinos impressionados com acenos de cabeça à direita e à esquerda. Um bando belicoso de negros contrariados, com os pés doendo, vinha seguindo nos calcanhares do jumento; muitas tendas, bancos dobráveis, arcas de metal, caixas brancas, fardos marrons foram sendo despejados no pátio, e no posto o ar de mistério se adensava acima daquele tumulto. Recebemos cinco desses grupos, com seu ar absurdo de fuga desordenada e trazendo o butim de vários depósitos de roupas e víveres que, era a impressão que se tinha, aqueles homens se tinham refugiado na selva para dividir em partes iguais depois da pilhagem. Era uma desordem inextricável de coisas em princípio decentes, mas que por força da estupidez humana acabavam parecendo os despojos de algum assalto.

"Aquele bando contrito atendia pelo nome de Expedição de Exploração do Eldorado, e imagino que tinham sido obrigados a um voto de silêncio. A linguagem que usavam, contudo, era a dos bucaneiros mais sórdidos: descuidada sem ousadia, gananciosa sem audácia e cruel sem coragem; não havia um átomo de antevisão ou de intenção séria em qualquer um deles, e não davam o menor sinal de perceber que tanto uma como a outra são neces-

sárias para as obras deste mundo. Arrancar tesouros das entranhas da Terra era o seu desejo, e por trás do projeto não havia mais finalidade moral que entre os arrombadores de um cofre. Quem pagava as despesas daquela nobre expedição, eu não sei; mas era o tio do nosso Gerente quem chefiava o bando.

"Sua aparência era a de um açougueiro de bairro pobre, e os seus olhos exibiam um ar de espreteza sonolenta. Carregava a pança enorme com ostentação sobre as pernas curtas, e durante todo o período em que a sua horda infestou o posto não falava com mais ninguém além do sobrinho. Os dois podiam ser vistos perambulando pelo terreno do posto o dia inteiro, com as cabeças muito próximas, entregues a uma confabulação interminável.

"Eu desistia de me preocupar com os rebites. A capacidade que temos para esse tipo de loucura é mais limitada do que se imagina. Eu disse: 'Que se dane!' — e deixei que as coisas seguissem o seu curso. Tinha tempo de sobra para meditar, e a intervalos dedicava alguns pensamentos a Kurtz. Não me interessava muito por ele. Não. Ainda assim, estava curioso de ver se aquele homem, que viera até ali equipado com algum tipo de ideia moral, conseguiria de fato chegar até o cargo mais alto, e como haveria de trabalhar a partir de então."